

Petrolífera Queda livre

Petrobras perdeu R\$ 68 bi em valor de mercado em 5 dias

Após balanço abaixo do esperado e da demissão de Prates, ações se desvalorizaram, mas analistas preveem recuperação

BEATRIZ ROCHA
E-INVESTIDOR

Na semana passada, as ações da Petrobras enfrentaram um período conturbado na Bolsa de Valores brasileira. Além do balanço do primeiro trimestre de 2024 da empresa, investidores digeriram a demissão de Jean Paul Prates do comando da estatal, enquanto novos temores sobre uma possível interferência política na petroleira ganharam força.

Na sexta-feira, os papéis da companhia registraram a terceira queda seguida desde a saída de Prates, na noite de terça. No fim do pregão, as ações ordinárias da estatal (PETR3) estavam cotadas a R\$ 38,57, em desvalorização de 1,83%. Já as preferenciais (PETR4) terminaram a sessão em baixa de 1,66%, negociadas a R\$ 36,69.

No acumulado da semana passada, os ativos PETR3 e PETR4 tiveram perdas de 12,60% e 11,76%, respectivamente. Em termos de valor de mercado, a Petrobras perdeu R\$ 34 bilhões somente na quarta-feira, quando as ações cederam mais de 6% no primeiro pregão após o anúncio da demissão de Prates.

O processo de desvalorização da empresa se estendeu nas sessões seguintes. Considerando o acumulado entre os dias 13 e 17 de março, a perda foi de R\$ 68,1 bilhões.

BALANÇO. A Petrobras divulgou na segunda-feira passada seu balanço do primeiro trimestre de 2024. No intervalo, a empresa reportou lucro líquido de R\$ 23,7 bilhões, 37,9% a menos do que há um ano e 23,7% menor do que o registrado no trimestre imediatamente anterior. Apesar das cifras bilionárias, o resultado foi considerado fraco e sob pressão por analistas do mercado financeiro, que ainda enxergam, no entanto, potenciais oportunidades na empresa para quem busca dividendos.

Já na noite de terça-feira, a estatal entrou novamente nos holofotes, após a notícia de que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva demitira Prates do comando da Petrobras. A

frete da companhia desde janeiro de 2023, a saída do executivo já vinha sendo especulada, em meio a um processo de "fritura" do CEO, que nos bastidores teria um embate com o ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, intensificado depois que a estatal decidira reter o pagamento de dividendos extraordinários em março.

A mudança na gestão preocupou o mercado, que passou a temer uma ingerência política na petroleira. Um dos motivos que derrubou Prates do posto de CEO da Petrobras foi a intenção do Executivo de buscar por um perfil de comando menos "pró-mercado".

A indicada para assumir a posição é Magda Chambriard, ex-

'Pró-mercado'
Para analistas, Planalto quer ter na Petrobras um nome menos alinhado com o mercado

diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) durante o governo de Dilma Rousseff. Se for aprovada, a executiva será a sétima pessoa a assumir o cargo mais alto da estatal nos últimos cinco anos.

Antes da eleição da nova CEO, Clarice Coppetti, atual diretora executiva de Assuntos Corporativos da Petrobras, segue como presidente interina da companhia. Ao longo de sua carreira, Clarice já foi vice-presidente de Tecnologia da Informação da Caixa Econômica Federal, onde trabalhou de 2003 a 2011.

Números ruins

12,6% foi a desvalorização das ações ordinárias da empresa na semana passada

6% foi a perda na quarta-feira, primeiro pregão após a demissão de Prates

R\$ 23,7 bi foi o lucro da estatal no primeiro trimestre de 2024

37,9% foi a queda do resultado ante o mesmo período do ano passado

23,7% foi o tombo ante o trimestre anterior

Na quinta-feira, a Petrobras esclareceu que a eleição de Chambriard será competência do conselho de administração da estatal. Com isso, não há necessidade de assembleia. A empresa ainda explicou que a indicação da executiva à presidência e como membro do colegiado passará pela análise das áreas de integridade e de recursos humanos da companhia. Em seguida, a sucessora de Prates será submetida à avaliação do Comitê de Pessoas (Cope), em processo que levará até 15 dias.

Apesar das turbulências enfrentadas na última semana, quatro casas de análise mantiveram recomendação de compra para as ações da Petrobras: Agora, Bradesco BBI, BTG Pactual e Goldman Sachs. As duas primeiras consideram que a queda das ações é natural em um primeiro momento, mas pode gerar uma oportunidade para o investidor, visto que o papel tende a se recuperar no médio e longo prazos.

Na visão do BTG Pactual, que recomenda compra para as ações da Petrobras listadas em Nova York, conhecidas como American Depositary Receipts (ADRs), ainda há poucas evidências de que a empresa deixará de pagar dois dígitos de dividendos em 2024 e 2025.

A equipe do Goldman Sachs, por sua vez, justifica a recomendação de compra com base nas demissões passadas da Petrobras, ocorridas durante o governo de Jair Bolsonaro. Para o banco, a troca no comando da empresa não consegue mudar diretamente a governança corporativa.

A casa cita como exemplo a substituição de Roberto Castello Branco por Joaquim Silva e Luna em fevereiro de 2021, que fez as ações preferenciais da Petrobras recuarem 21,51%, indo de R\$ 15,44 para R\$ 12,12 no dia 22 de fevereiro de 2021. Desde então, no entanto, as ações da Petrobras conseguiram se recuperar e superar a cotação de R\$ 30 por ativo.

Já o BB Investimentos tem uma visão contrária e decidiu rebaixar na quarta-feira a recomendação das ações preferenciais da Petrobras de compra para neutra, mantendo o preço-alvo de R\$ 47 por ativo. O entendimento da casa é que a sucessão na companhia acontece por uma intenção do governo de buscar um nome "menos pró-mercado", o que, segundo o BB, pode significar mudança de rumo em uma empresa que vinha com boa execução e excelentes perspectivas. ●



Antonio Penteado Mendonça

Maio Amarelo

Os acidentes de trânsito são responsáveis pela morte de milhões de pessoas ao redor do mundo. Grande produto de massa do século 20, os veículos se impuseram e se tornaram o objeto de consumo da sociedade. A partir daí, as cidades passaram a ser planejadas para eles, as rodovias redesenharam os mapas e a indústria automobilística se tornou o carro-chefe da economia e a grande contratadora de mão de obra, gerando milhões de empregos diretos e indiretos e impostos de todas as naturezas, que até hoje pagam as contas dos governos.

Com as mudanças climáticas e a necessidade de mudar as matrizes energéticas, era de se esperar uma queda na importância dos automóveis no mix econômico e na atenção da sociedade. Todavia, não é isso que se vê. Ao contrário, notícias, análises e discussões sobre os carros elétricos ocupam enorme espaço na mídia e fazem do assunto um gancho importante para vender notícias sobre o futuro da humanidade.

A contrapartida que ninguém gosta de colocar em destaque, mas que está aí desde a primeira metade do século passado, cobrando um preço absurdamente alto das sociedades e dos respectivos governos, são os acidentes de trânsito de todas as naturezas e tamanhos, que atingem diretamente milhões de famílias e custam uma fortuna para a previdência social de todos os países.

Por conta desse número, desde meados dos anos 1960, os países começaram a criar seguros obrigatórios para minimizar os custos dos acidentes de trânsito. De outro lado, a segurança dos veículos passou a receber cuidados especiais e as regras de trânsito passaram a ser mais rigorosas, no sentido de proteger motoristas, passageiros e pedestres.

Mas, quando parecia que o quadro poderia se equilibrar, a entrada em cena das motocicletas como veículos de massa vol-

tou a aumentar o número de acidentes e de vítimas, sendo que, por conta das tipicidades do veículo, as mortes cresceram exponencialmente. E o quadro se agravou de novo com a entrada em cena dos celulares como objetos indispensáveis para a vida moderna.

Este quadro tragicamente desafiador precisa ser enfrentado com todas as ferramentas à disposição da sociedade para reduzir o alto número de vítimas dos acidentes de trânsito.

Entre as medidas com grande visibilidade merece destaque especial a escolha do mês de maio como o mês para a consciência no trânsito. Assim, nasceu o Maio Amarelo, com o objetivo de fazer as pessoas pensarem sobre a realidade das ruas e das estradas e suas consequências para a sociedade.

O Brasil tem perto de 400 mil vítimas de acidentes de trânsito por ano. Cerca de 40 mil morrem; as outras ficam com algum grau de invalidez

O Brasil tem perto de 400 mil vítimas de acidentes de trânsito todos os anos. Ao redor de 40 mil morrem e as outras adquirem algum grau de invalidez. É um número alto, que custa muito caro e atinge principalmente as pessoas mais pobres.

Importante lembrar que acabaram de votar o novo seguro obrigatório para acidentes de trânsito. Durante décadas, a sociedade brasileira teve a proteção de um seguro dessa natureza, mas ele foi desmontado. Agora, um novo seguro deve entrar em cena. Como a sua eficiência é bastante discutível, a melhor coisa que os brasileiros podem fazer é reduzir o número de acidentes. ●

SÓCIO DE PENTEADO MENDONÇA E CHAR
ADVOCACIA E SECRETÁRIO-GERAL DA
ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

APM MAFAN

Serviços de Consultoria e Assessoria

Especializada em Seguros

contato@pmec.com.br